

A utopia de Brasília para as massas

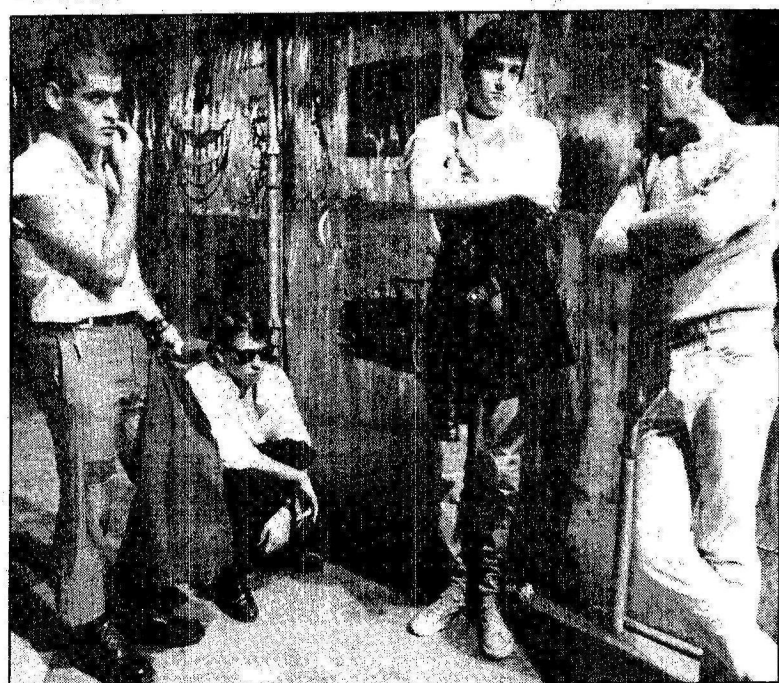
As bandas de rock da cidade incendeiam o País na mais feroz resposta do vazio cultural da Capital.

LICIA NARA



Legião Urbana: os filhos da Revolução em ritmo vertiginoso

LICIA NARA



Plebe Rude: a utopia numa cidade de carros, funcionários e polícia montada

LICIA NARA



Capital Inicial: fantasmas desesperados, denunciando as autoridades

A utopia de Brasília finalmente é revelada para todo o País, nos gritos musicais das novas bandas que tomam o mais polêmico espaço na criação brasileira. Uma cidade de carros oficiais, estados de emergência e desesperos concretos, assustadoramente, apresenta a mais fina nata do rock brasileiro, depois de uma fase de romances açucarados e divulgação massificada de uma nova onda de rebeldia, à Jovem-Guarda, no corpo da juventude brasileira. Os punks brasilienses negam tudo, até mesmo o rótulo, e mostram porque são legítimos, são legião e odeiam as ilusões.

CELSE ARAUJO
Correspondente

Rio — Caros camaradas futuros! Revolvendo a mediocridade fósil de agora, lançando clareiras nestes dias de palcos escuros, os novos aventureiros do rock entram em cena. Brasília parece sofrer o seu primeiro abalo. Algo das profecias de Dom Bosco e Tia Neiva começa a sacudir o tédio e a letargia do Planalto: são os punks, do cerrado, as feras da discórdia na rígida árvore genealógica da MPB e chamam-se Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude.

Os caras acabam de ferver o mais descabelado som na fundamental jornada Festin Rock, em cartaz por todo o mês de outubro, no Circo Voador. A Lapa perdeu um pouco sua maquiagem nostálgica e os fantasmas chorões de outrora: os garotos gritam a plenos pulmões, são pequenos e endiabrados Malakóvskis, empunhando guitarras como espadas de raio laser e versos incendiários.

Estão revelando, desde já e diretamente para todo o País, a mais insólita cidade do Terceiro Mundo, a nave de concreto que se chama Brasília e até hoje ocultou-se sob a máscara do *Jornal Nacional*, do cartão-postal da Praça dos Três Poderes e dos labirínticos debates parlamentares.

A olho nu, as três bandas brasilienses são a mais feroz resposta ao até agora proclamado vazio cultural da nova capital. O frenesi que toma conta deles nos espetáculos ao vivo corresponde ao rancor, ao cinismo e à santa ironia de hinos pops que falam de alienação pela tv, soldados na Esplanada, prazeres físicos, retratos públicos, negócios capitalistas e paranóias oficiais brasilienses.

"Moramos em Brasília, capital da esperança, cidade destinada à função dos três poderes da República. O quarto poder, a juventude, foi esquecido, pois é o futuro da Nação. O Plebe Rude se enquadra neste esquecimento", é como se define uma das bandas azaradas pelo Circo Voador em seu festival legítimo e autotônico.

A *Plebe Rude*, formada por André (baixo), Jander (guitarra e vocal), Gutje (baixo) e Felipe Seabra (guitarra) é, das três bandas, a que mais seguiu a respiração. Agora também deve integrar a primeira trindade de bandas brasilienses que começam a conquistar o mais precioso espaço do rock brasileiro, o espaço do rock de vibração original, demolidor, político, diversionista.

E a prova definitiva virá no primeiro disco da *Legião Urbana* (Renato) no vocal e baixo, Marcelo na bateria e Dado Villa Lobos na guitarra), a sair no próximo mês de novembro pela gravadora Odeon. O próximo grupo a assinar contrato será o *Capital Inicial*. Finalmente, as gravadoras decidem gastar bem suas horas de estúdio e acetato.

O *Capital Inicial* é composto por Fê, na bateria, Flávio no baixo, Louro na guitarra e Dinho, na voz. Como os outros dois grupos já citados, também nasceu entre superquadradas e endereços do Lago residencial. No início de tudo, o *Aborto Elétrico*, um caldeirão de jogadas punks que desaguaria no chamado "rock de Brasília", agora o mais respeitado no País, tanto em novidades musicais quanto em mudanças no bloqueado esquema de informações.

Dai, o susto que Brasília deverá provocar, se revelada por esses garotos saídos

da UnB ou dos cursinhos pré-universitários, para o mundo turbulento do show e da música industrial. Garotos imberbes que nos finais da surda década de 70, acumularam gritos, distorções, ritmos incisivos e imaginação poética desesperada.

O Circo Voador e algumas casas noturnas de São Paulo foram o front que os consagraram, mas a colza começou a rolar mesmo por Taguatinga, Cruzeiro, Sobradinho e até Patos de Minas. Renato Russo, da Legião, lembra que, entre 78 e 79, os bem pensantes e articulados da UnB os tratavam com certa distância e frieza. A essa altura, contrariando os ideólogos do PT e os psicanalistas do Colégio Frediano, eles gritavam como ratos saídos do esgoto: "nas favelas, no Senado, sujeira pra todo lado".

Mas a viagem vai se iniciar mesmo é agora. Afinal, entra o peso do disco, dos programas de televisão, dos vídeos, dos contrastes. "Mas nós somos os cobras da notícia", gargalham eles na sala de um hotel em Copacabana, fartos depois da temporada no Festin Rock. Toda a diferença está em ser de Brasília e viver bombardeado de informações por todos os lados. "Estamos bem à frente de São Paulo e Rio nas coisas que chegam de Londres ou Nova Iorque". E, confirmado, vêem o Brasil por dentro.

Como Brasília é a "melhor cidade do interior do mundo" e o tédio o seu clima ambiente, tal mormaço serviu como energia de ativação. Algo musical e poeticamente contrário aos modismos veiculados pela comunicação global e nem tampouco esperado pelos executivos do marketing.

Os próprios rapazes se assustam. Afinal, estão entrando no terreno mais conturbado da indústria cultural, em um País subdesenvolvido, que tem de descontrair toda a deficiência técnica com muita garra e suíngue. Espantam-se, inclusive, por chegarem tão depressa a uma área que até hoje dificultava a vida de um Jorge Ben ou que passou dez anos para dar vez a Lulu Santos e Ritchie.

O ponta-pé inicial de tudo começou pela conexão Brasília-Londres, por incrível que pareça. Garotos ligados em *Sex-Pistols*, nos legítimos canibais do rock pós-decadência, pra lá do rótulo angelical de *new-waves*.

"Nós fazemos música, fazemos nossas roupas, cartazes e até instrumentos. Não ficamos em festinhas, segurando o *dry martini*. Somos do tipo Aja Já. É uma necessidade física. Por que aos 17 anos voltamos a desenhar guitarras nos cadernos escolares?"

Num tempo de Travolta e discotecas enlatadas, a amizade instantânea entre os garotos começou a disseminar o sentido panfletário do rock e as últimas novidades dos pubs londrinos. Fê, o baterista do Capital, diz que três elementos contribuíram para o impulso final: a transa punk e todos os seus estilos correndo nas velas do mundo, a necessidade de falar e fazer a catarse do sufoco, e, ainda, a revolta, o manifesto de desacordo. "Como diz o Russo, cuspir o lixo em cima de vocês, na música Geração Coca-Cola".

Eles se amam, se adoram, ao contrário do que andaram publicando. O sensacionalismo jovem-guarda não funciona mais. "Apesar da repressão", os rapazes não se intimidam com discursos e combates sensacionalistas da im-

prensa. Fê(lipe) Seabra, o guitarrista alucinado da Plebe, um cara que se agita até nas ondas alfa, pula da cadeira, dança no ar gritando: "o único rock vivo do Brasil somos nós, cara". Os outros são uns vendidos".

A mistura agora é para ser adjetivada com escândalo. No próprio Festim Voador, eles se entusiasmaram com a presença dos Golden Boys, os crioulos dançantes da década de 60. Há um número excessivo de bandas e a proliferação vai continuar, até que haja uma saturação e uma definição maior do programa geral.

A inocência, portanto, deve acabar e começa por Brasília e é desta vez que se rompe o círculo vicioso de considerar apenas o eixo Rio-São Paulo no momento de computar as novidades e pesar os contrastes. Colocação histórica e punk de Renato Russo, que não gosta de rótulos:

— É algo como a garotada da Vila Rica, os inconfindentes. Eles eram artistas e o que eles podiam fazer era escrever poemas. Na década de 20, isso ficou com os pintores. Agora é o vídeo-clip e o rock.

Palavras como movimento, radical, profundo e processo, mesmo que despidas do sentido corriqueiro, não agradam a eles. Preferem falar do lance individual e da possibilidade que tem cada filho da mídia de se orientar nesse mar de sensações e provocações eletrônicas.

Há, porém, senhas de comando: não aceitar tudo o que está aí, não deixar-se manipular, não ceder, não facilitar-se, até mesmo na manipulação amorosa, reconhecem: Com os Paralamas e agora a Legião, Capital e Plebe, forma-se o primeiro regimento de rebeldes brasilienses, uma geração espontânea que ainda anuncia outras hordas como *Finis Africae*, *Diamante Cor-de-Rosa*, *Banda 69*, *Escola de Escândalos*.

Brasília foi ingrata, isso reconhecem. Agora, quando forem devolvidos e lançados via-satélite, a coisa deve mudar. Não é preciso ficar copiando os modelos e as expressões de Ipanema, via televisão, na sala de jantar. "Somos soldados pedindo esmolas, e a gente não queria lutar", diz a letra de uma das músicas da Legião Urbana.

Nos quintais do Poder, não haverá mais sossego. A zorra sonora, pacífica e vibrante dos rapazes servirá como antídoto às normas, à repressão e aos códigos de uma cidade controlada, de funcionários públicos e distâncias infinitas do resto do País.

Os versos valem mais que um semestre da UnB buscando entender as coisas. Os versos, cantados em velocidade mirage, articulados guturalmente, do fundo do estômago, falam do código penal, da solidão na superquadra, da prova idiota do vestibular, das unidades repressoras oficiais, dos tambores na selva de cimento e vidro, das mitologias como o sexo, as drogas e o próprio rock'n'roll.

Pronto: Brasília, uma cidade sem história, mas antiga, no dizer de um dos hinos inflamados, devolveu ao País o suor dos seus filhos. Pode vir a ser novamente a capital da esperança. O concreto já rachou, a velha nave naufragou e a sua banda de descontentes pulou fora. Quem quiser manter-se anestesiado, é só colocar ceras nos ouvidos.

O Auto-retrato antioficial

O AUTO-RETRATO
ANTI-OFICIAL

Baader Meinhof Blues - LEGIÃO URBANA

A violência é tão fascinante e nossas vidas são tão normais e você passa de noite e sempre vê apartamentos acesos, mas você viu esse filme também!

Ja estou cheio de me sentir vazio, meu corpo é quente e estou sentindo frio, todo mundo sabe e ninguém quer mais saber, afinal amar ao próximo é tão demodê e essa justiça desafiada é tão humana, é tão errada!

PROTEÇÃO - PLEBE RUDE

Tanques lá fora, exército de plantão apontados para o interior e tudo isso para nossa proteção, para o governo poder se impor.

A PM na rua, nosso medo de viver, um consolo é que eles vão nos proteger. A única pergunta é: vão me proteger do quê?

Sou uma minoria, mas pelo menos falo o que quero. Apesar da repressão.

LUZES DA CIDADE - CAPITAL INICIAL

O peso da cidade me deixa sem ação preso na cidade não há como fugir fingindo alegria, fingindo diversão, minha liberdade eu quero em minhas mãos.

PSICOPATA - CAPITAL INICIAL
Quero soltar bombas no Congresso fumo Hollywood para o meu sucesso, sempre assisto à Rede Globo com uma arma na mão e se aparece o Francisco Cuoco, adeus televisão!